

## IMANÊNCIA: UMA VIDA...<sup>1\*</sup>

Gilles Deleuze

O que é um campo transcendental? Ele se distingue da experiência, enquanto não remete a um objeto nem pertence a um sujeito (representação empírica). No mais, ele se apresenta como pura corrente de consciência assubjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem eu. Pode parecer curioso que o transcendental se defina por tais dados imediatos: falar-se-á de empirismo transcendental em oposição a tudo aquilo que faz o mundo do sujeito e do objeto. Há qualquer coisa de selvagem e de potente num tal empirismo transcendental. Não é certamente o elemento da sensação (empirismo simples), pois a sensação não é mais que um corte na corrente de consciência absoluta. É sobretudo, por mais próximas que sejam duas sensações, a passagem de uma a outra como devir, como aumento ou diminuição de potência (quantidade virtual). Por conseguinte, deve-se definir o campo transcendental pela pura consciência imediata sem objeto nem eu, enquanto movimento que não começa nem termina? (Mesmo a concepção espinosista da passagem ou da quantidade de potência faz apelo à consciência).

Mas, a relação do campo transcendental com a consciência é somente de direito. A consciência não se torna um fato a menos que um sujeito seja produzido ao mesmo tempo que seu objeto, ambos fora de campo e aparecendo como “transcendentes”. Ao contrário, enquanto a consciência atravessa o campo transcendental a uma velocidade infinita por toda parte difusa, não há nada que a possa revelar<sup>21</sup>. Ela de fato apenas se exprime ao refletir-se num sujeito que a remete a objetos. É por isso que o campo transcendental não pode se definir por sua consciência não obstante coextensiva, mas subtraída a toda revelação.

O transcendente não é o transcendental. Na falta da consciência, o campo transcendental se definiria como um puro plano de imanência, pois escapa a toda transcendência do sujeito bem como do objeto<sup>32</sup>. A imanência absoluta é em si mesma: não está em alguma coisa, não é imanência *a* alguma coisa, não depende de um objeto e não pertence

---

1 \* Último texto publicado por Deleuze: revista *Philosophie*, nº 47, setembro de 1995, p.3-7. Ele também se encontra na coletânea *Deux régimes de fous. Textes et entretiens 1975-1995*. Paris: Minuit, 2003, p.359-363. Tradução de Sandro Kobol Fornazari.

2 Bergson, *Matéria e memória*: “como se refletíssemos nas superfícies a luz que emana delas, luz que, propagando-se sempre, jamais teria sido revelada”, *Œuvres*, PUF, p. 186 (*Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.34).

3 Cf. Sartre, *A transcendência do ego*: Sartre formula um campo transcendental sem sujeito que remete a uma consciência impessoal, absoluta, imanente: em relação a esta, o sujeito e o objeto são “transcendentes” (Vrin, p.74-87) – Sobre James, cf. a análise de David Lapoujade, “Le flux intensif de la conscience chez William James”, *Philosophie*, nº 46, junho de 1995.

a um sujeito. Em Espinosa, a imanência não é imanência à substância, mas a substância e os modos estão na imanência. Quando o sujeito e o objeto, que caem fora do plano da imanência, são tomados como sujeito universal ou objeto qualquer *aos quais* a imanência é ela mesma atribuída, tudo isso é uma desnaturação do transcendental que não faz mais que duplicar o empírico (assim em Kant), e uma deformação da imanência que se encontra então contida no transcendente. A imanência não se refere a uma Coisa Qualquer como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a outra coisa além de si que se pode falar de um plano de imanência. Tal como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito nem por um Objeto capazes de contê-lo.

Dir-se-á da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada mais. Ela não é imanência à vida, mas a imanência que não está em nada é ela mesma uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completas. É na medida em que ultrapassa as aporias do sujeito e do objeto que Fichte, em sua última filosofia, apresenta o campo transcendental como *uma vida*, que não depende de um Ser e não está submetido a um Ato: consciência imediata absoluta cuja atividade mesma não remete mais a um ser, mas não cessa de se colocar numa vida<sup>43</sup>. O campo transcendental se torna então um verdadeiro plano de imanência que reintroduz o espinosismo no mais profundo da operação filosófica. Não é uma aventura semelhante que sobrevém a Maine de Biran, em sua “última filosofia” (aquela que ele estava cansado demais para ter êxito), quando descobria sob a transcendência do esforço uma vida imanente absoluta? O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência por uma vida.

O que é a imanência? uma vida... Ninguém melhor que Dickens narrou o que é *uma* vida, levando em conta o artigo indefinido como índice do transcendental. Um canalha, um mau sujeito desprezado por todos cai agonizante e eis que aqueles que cuidam dele manifestam uma espécie de solicitude, de respeito, de amor pelo menor sinal de vida do moribundo. Todo mundo se ocupa em salvá-lo, ao ponto em que no mais profundo de seu coma o próprio infame sente alguma coisa doce lhe penetrar. Mas, à medida que ele retorna à vida, seus salvadores se fazem mais frios, e ele recobra toda sua grosseria, sua maldade. Entre sua vida e sua morte, há um momento que não é mais que aquele de *uma* vida jogando com a morte<sup>54</sup>. A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal e, no entanto, singular que depreende um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade do que acontece. “*Homo tantum*” do

---

4 Já na segunda introdução à *Doutrina da Ciência*: “a intuição da atividade pura que não é nada fixa, mas progresso, não um ser, mas uma vida” (p. 274, *Œuvres choisies de philosophie première*, Vrin). Sobre a vida segundo Fichte, cf. *Initiation à la vie bienheureuse*, Aubier (e o comentário de Gueroult, p. 9).

5 Dickens, *O amigo comum*, III, ch. 3, Pléiade.

qual todos se compadecem e que alcança uma espécie de beatitude. É uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, pois somente o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, apesar de não se confundir com nenhum outro. Essência singular, uma vida...

Não seria necessário conter uma vida no simples momento em que a vida individual afronta a universal morte. *Uma* vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou tal sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente levando os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Esta vida indefinida ela mesma não tem momentos, por mais próximos que eles sejam uns dos outros, mas somente entretempos, entremomentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio onde se vê o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. A obra romanesca de Lernet-Holenia coloca o acontecimento num entretempo que pode devorar regimentos inteiros. As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de *uma* vida coexistem com os acidentes *da* vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem da mesma maneira. Eles se comunicam entre si totalmente de outra maneira que os indivíduos. Constata-se mesmo que uma vida singular pode dispensar toda individualidade ou todo outro concomitante que a individualiza. Por exemplo, os recém-nascidos são todos parecidos e não têm quase nada de individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são características subjetivas. Os recém-nascidos são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, até mesmo beatitude em meio aos sofrimentos e às fraquezas. Os indefinidos de uma vida perdem toda indeterminação na medida em que preenchem um plano de imanência ou, o que vem dar estritamente no mesmo, constituem os elementos de um campo transcendental (a vida individual ao contrário permanece inseparável das determinações empíricas). O indefinido como tal não assinala uma indeterminação empírica, mas uma determinação da imanência ou uma determinabilidade transcendental. O artigo indefinido não é a indeterminação da pessoa sem ser a determinação do singular. O Um não é o transcendente que pode conter até mesmo a imanência, mas o imanente contido num campo transcendental. Um é sempre o índice de uma multiplicidade: um acontecimento, uma singularidade, uma vida... Pode-se sempre invocar um transcendente que caia fora do plano da imanência, ou mesmo que se lhe atribua, resta que toda transcendência se constitui unicamente na corrente de consciência imanente própria a esse plano<sup>65</sup>. A transcendência é sempre um produto da imanência.

---

6 Mesmo Husserl o reconhece: "O ser do mundo é necessariamente transcendente à consciência, mesmo na evidência originária, e permanece necessariamente transcendente a ela. Mas isto nada muda o fato de que toda transcendência se constitui unicamente na *vida da consciência*, como inseparavelmente ligada a esta vida..." (*Meditações cartesianas*, Ed. Vrin, p.52). Esse será o ponto de partida do texto de Sartre.

Uma vida contém apenas virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. O que se chama virtual não é alguma coisa a que falte realidade, mas que se empenha num processo de atualização seguindo o plano que lhe dá sua realidade própria. O acontecimento imanente se atualiza num estado de coisas e num estado vivido que fazem com que ele se produza. O próprio plano de imanência se atualiza num Objeto e num Sujeito aos quais ele se atribui. Mas, por pouco separáveis que eles sejam de sua atualização, o plano de imanência é ele mesmo virtual, tanto quanto os acontecimentos que o povoam são virtualidades. Os acontecimentos ou singularidades dão ao plano toda sua virtualidade, como o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena. Ao acontecimento considerado como não atualizado (indefinido) nada falta. Basta colocá-lo em relação com seus concomitantes: um campo transcendental, um plano de imanência, uma vida, singularidades. Uma ferida se incarna ou se atualiza num estado de coisas e num vivido; mas é ela mesma um puro virtual no plano de imanência que nos impele numa vida. Minha ferida existia antes de mim...<sup>76</sup>. Não uma transcendência da ferida como atualidade superior, mas sua imanência como virtualidade sempre no cerne de um meio (campo ou plano). Há uma grande diferença entre os virtuais que definem a imanência do campo transcendental e as formas possíveis que os atualizam e que o transformam em algo transcendente.

**Tradução de Sandro Kobol Fornazari**

---

7 Cf. Joe Bousquet, *As capitaís*, Le Cercle du livre.